

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE
GEOGRAFIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**UM NOVO OLHAR SOBRE AS CENTRALIDADES: A ESCOLA E OS
ALUNOS NO COLÉGIO PAULA SOARES**

Aluno: Joel Luís Melchiors
Orientadora: Rosa Maria Vieira Medeiros.

Porto Alegre, dezembro de 2014.

Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. [...] Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. Agente vai amadurecendo todo dia, ou não .

Paulo Freire

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
INTRODUÇÃO.....	5
SOBRE A ESCOLA.....	6
CAPÍTULO I – AS NOVAS CENTRALIDADES.....	9
CAPÍTULO II – AS PRÁTICAS EM SALA DE AULA.....	14
CAPÍTULO III – QUEM SÃO OS ALUNOS DO PAULA SOARES?.....	17
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS.....	25
APÊNDICES.....	27

RESUMO

O trabalho a seguir mostra um novo olhar sobre as centralidades, num primeiro momento. Após, é demonstrado através de algumas das práticas pedagógicas realizadas durante os Estágios Obrigatórios de Docência em Geografia do Ensino Fundamental (I) e do Ensino Médio (II), ambos realizados no Colégio Paula Soares, localizado no Centro de Porto Alegre como as centralidades podem entrar no currículo escolar durante as aulas de Geografia nestes dois níveis de ensino. Na terceira e última etapa, é realizada uma análise dos questionários aplicados em um amplo grupo de alunos dessa escola. Tal aplicação foi realizada para que se perceba e identifique quais as relações dos alunos do Paula Soares com o centro da cidade de Porto Alegre. Por fim, avalia-se a contribuição deste trabalho para a prática escolar de Geografia.

Palavras-chave: Escola, Centralidades, Aluno, Prática de Ensino, Geografia.

INTRODUÇÃO

Durante o primeiro e o segundo semestres do ano de 2014, estagiei nos ensinamentos fundamental e médio do Colégio Estadual Paula Soares. Fui professor estagiário de Geografia nas turmas 82 e 110, respectivamente.

No primeiro estágio, em que dei aula no turno da manhã, a sala de aula da turma 82 era bem organizada e tinha uma excelente vista para os jardins internos do Palácio Piratini, que está localizado ao lado da escola. Chamou a minha atenção o tamanho da sala de aula e o quanto os alunos ficavam espalhados neste espaço. Ficava assim a impressão de que tinha poucos alunos na sala de aula, mesmo que todos estivessem presentes.

Contudo, no segundo estágio, a partir das Observações, me deparei com uma sala de aula diferente, além de agora estar trabalhando no período noturno. Sobre esta nova sala de aula o que percebi é que havia um globo bem velho sobre o armário, o espaço da sala me passava uma sensação de vazio e imensidão, com suas paredes altas e grandes janelas. O lugar era muito limpo, mas ao mesmo tempo, muito vazio, dando a sensação de um cansaço repetitivo e de uma monotonia sem fim.

Ao olhar para a rua, fui percebendo que havia dois janelões da sala de aula, os quais possibilitam uma visão privilegiada da Rua General Auto, podendo ser trabalhadas várias questões abrangentes para a Geografia tais como: inclinação das vertentes, posição da *urbe* ante os outros bairros (Cidade Baixa, Gasômetro...), identificação de porquê as caixas d'água ficam localizadas em locais mais altos do que em locais mais baixos (distribuição de água pela altitude), deslizamentos de solos e as chuvas, etc.

Enfim, exemplos como estes poderiam ser mais bem trabalhados em sala de aula, no que se refere mais especificamente às aulas de Geografia. É possível que os mesmos possam vir a ser empregados tanto no Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio.

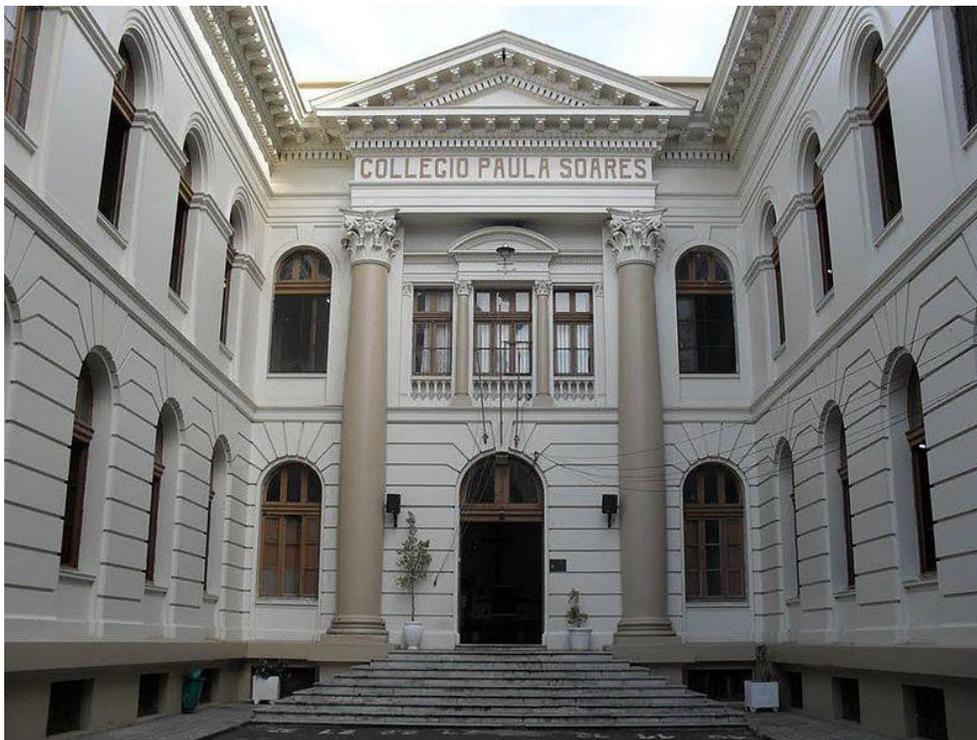
SOBRE A ESCOLA

O Colégio Estadual Paula Soares foi fundado em 1927, tendo quase cem anos de história no quadro do ensino de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul. Seus antecedentes remontam ao início do século XX, localiza-se em uma área próxima ao "Palácio Piratini", utilizada anteriormente para depósito de material. Esta área era de aproximadamente, 2.420m².

Os projetos para edificação de um prédio nesse terreno foram confiados ao engenheiro Teófilo Borges de Quadros, não tendo a planta sofrido alterações. A obra, composta de quatro pavimentos, custou ao Governo, na época, 800 contos de réis. Foi erguido em 1918. Obedeceu ao estilo neoclássico, e foi construído em alvenaria e piso de concreto armado. [ANDRADE, 2001, s/p.]

Inicialmente, funcionou ali o "Curso Anexo à Escola Complementar de Porto Alegre". Em 1927, tornou-se estabelecimento autônomo, com a denominação de "COLÉGIO ELEMENTAR PAULA SOARES".

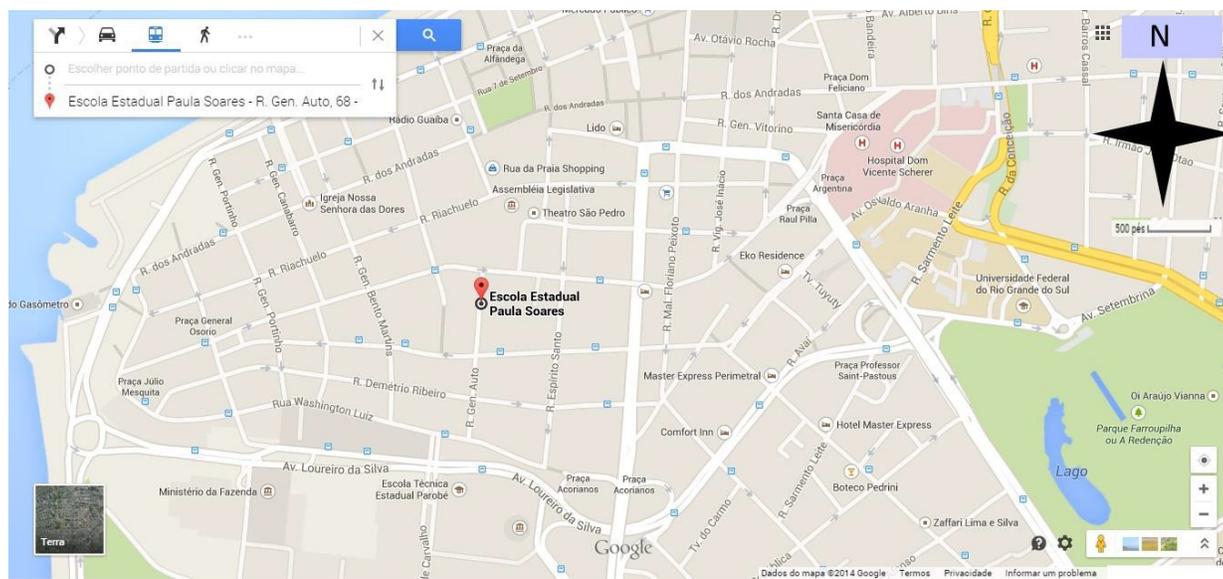
Figura1: Prédio do Colégio Paula Soares, em estilo Neoclássico.



Fonte: Wikipedia.org

Por estar localizada no Centro de Porto Alegre, a escola é muito procurada por estudantes da região central da capital, bem como por alunos de outras partes da cidade, devido a facilidade de acesso ao transporte público, como se vê no mapa a seguir.

Figura2: Mapa do Colégio Paula Soares, no Centro de Porto Alegre.



Fonte: Google Maps. Adaptado pelo autor.

O Colégio Paula Soares tem aberto matrículas para o Ensino Fundamental (1º a 9º anos) e para o Ensino Médio (1º a 3º anos), com turmas nos períodos da manhã, tarde e noite. São ao todo 1003 alunos matriculados, sendo 414 estudantes no Ensino Fundamental e 589 estudantes no Ensino Médio.

Integram a escola um total de 70 funcionários, entre professores, supervisores, merendeiras e demais serviços. A escola está aberta das segundas às sextas, das 7 horas e trinta da manhã até às 23 horas.

O trabalho proposto faz referência às atividades desenvolvidas no turno da manhã, na turma 82 e no turno da noite, na turma 110. Sobre o período matutino, a turma era composta de aproximadamente 35 alunos, oriundos tanto do Centro de Porto Alegre, quanto dos bairros periféricos da cidade.

Na turma de Ensino Médio, a 110, dos 78 alunos matriculados, apenas de 20 a 25 alunos

frequentam regularmente as aulas. Tãmanha evasão assustou-me de início, pois estava preparado para enfrentar uma turma muito maior, do que aquela turma com que de fato me deparei.

Assim como outras escolas das redes estadual ou municipal de ensino é notável que a atual infra estrutura do colégio vem deixando a desejar, pois faltam cadeiras, várias janelas estão quebradas, ventiladores não ligam e/ou não funcionam dentro das salas de aula.

Tamanho descaso por parte do poder público com o que é um patrimônio histórico, ou seja, uma escola localizada ao lado do Palácio Piratini, sede do Poder Executivo do Estado do Rio Grande do Sul, é um motivo de tristeza e constitui mais uma página triste na educação pública gaúcha, como um todo.

CAPÍTULO I : AS CENTRALIDADES SOB UM NOVO OLHAR

Nesta primeira parte do trabalho, procurarei mostrar um novo olhar sobre as centralidades, baseando-me em nomes reconhecidos dentro da Geografia, entre os quais destaco, sobretudo Santos (1996, 2002), Yi Fu Tuan (2005) e Massey (2013).

Milton Santos (1996), um dos autores pioneiros no que tange ao trabalho com o espaço urbano a partir da escala dos sujeitos, e não apenas dos processos, é claro e deveras perspicaz ao afirmar que a globalização, processo internacional de encurtamento das distâncias e de aprimoramento provoca uma reação dos lugares.

Reação esta não percebida pela sociedade em geral, e que tem acontecido no *locus urbano* percebida por Santos (1996, p. 71) como “a cidade é, ao mesmo tempo, uma região e um lugar, porque ela é uma totalidade, e suas partes dispõem de um movimento combinado, segundo uma lei própria, que é a lei do organismo urbano [...]”.

Ao tratar de dois conceitos deveras geográficos – região e lugar, é importante que se saiba a história da cidade e dos sujeitos que a habitam, como um todo e não apenas como mais uma das suas partes. História esta, que Santos (*op cit*), entende que deva ocorrer como : [...] A história de uma cidade se produz através do urbano que ela incorpora ou deixa de incorporar , desse urbano que em outros lugares pode tardar a chegar [...].

À medida que se continua a leitura do proposto por Santos, vê-se que ele assume a defesa da posição pela qual os fracos também devem ter vez e voz na construção do espaço urbano. Assim sendo...:

“A cidade é o lugar em que o Mundo se move mais; e os homens também. A co-presença ensina aos homens a diferença Por isso, a cidade é o lugar da educação e da reeducação. Quanto maior a cidade, mais numeroso e significativo o movimento, mais vasta e densa a co-presença e também maiores as lições e o aprendizado” SANTOS (1996, p. 83)

O autor propõe que se preste mais atenção aos homens, às pessoas mais simples, aos cidadãos que também constroem o espaço urbano, apresentando desta forma o que ele define como os “tempos lentos”, uma percepção de vida não tão ligada às mudanças repentinas às quais o capital costuma estar entrelaçado, ou seja, ao tempo das pessoas e não ao tempo do dinheiro, da especulação.

Numa outra obra, Santos (2002) fala sobre a força do lugar, ao introduzir a ideia de que cada lugar é, de certa, forma, o mundo. Entender como o centro da cidade este espaço tão cheio de riquezas e, ademais, de desigualdades provoca e também produz novas relações no espaço é, no dizer de Santos (2002, p. 315) “[...], ao mesmo tempo, a necessidade de, revisitando o lugar no mundo atual, encontrar os seus novos significados”.

O estudo das novas centralidades insere-se no que Santos chama de a quinta dimensão do espaço, o espaço banal, o qual cabe aos geógrafos entender e desvendar. Para o autor:

Mas a proximidade que interessa ao geógrafo [...] não se limita a uma mera definição de distâncias; ela tem que ver com a contiguidade física entre pessoas numa mesma extensão, num mesmo conjunto de pontos contínuos, vivendo com a intensidade de suas inter-relações. Não são apenas as relações econômicas que devem ser apreendidas numa análise de situação de vizinhança, mas a totalidade de relações. SANTOS (2002, p. 318).

Complementando as ideias sobre o espaço urbano de Santos, trago para esta análise as ideias de Yi Fu Tuan (2005), reconhecido geógrafo chinês, frequentemente relacionado aos estudos culturais em Geografia, elenca na sua obra as noções de percepção do lugar, as quais estão implícitas nas pessoas a partir das suas noções de sentimento e aproximação ou distanciamento com o lugar que os rodeia e/ou no lugar em que vivem.

Em sua mais importante obra, Tuan (2012) fala do conceito de Topofilia, como “os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material”. Para ele, a proximidade com o lugar no qual as pessoas vivem é um sentimento muito profundo, sendo uma das emoções mais fortes dos seres humanos.

Assim sendo, parto do entendimento que, além do sentimento de topofilia, há também nos alunos o sentimento topofóbico, de uma “paisagem do medo”. Indo mais longe, questiono se os sentimentos topofóbicos, de relação negativa com este lugar seriam gerados ou será que sentimentos positivos, topofílicos serão encontrados entre estes alunos?

Segundo Tuan (2005, pg. 233-334) o que pode fornecer pistas, indícios, para responder a estas perguntas é que “Por mais que a cidade tenha mudado com o correr do tempo, o conflito persiste entre o desejo por uma ordem socioestética imposta e a realidade das massas vivendo em um mundo dinâmico, mas confuso”.

Compreende-se então, que, a cidade é um espaço gerador de conflitos entre os que têm posses e os despossuídos, e que os centros urbanos cada vez mais fazem parte destas disputas. Em seguida, Tuan faz uma constatação, no seu entender uma ironia, mas que não deixa de ser uma dura verdade na nossa realidade urbana:

É uma profunda ironia que frequentemente a cidade possa parecer um lugar assustador. Construída para corrigir a aparente confusão e o caos da natureza, a cidade em si mesma se transforma em um meio ambiente físico desorientador, no qual os prédios de apartamentos desabam sobre os seus habitantes, ocorrem incêndios e o trânsito ameaça e mutila a vida das pessoas. Apesar de cada rua e prédio [...] serem ser dúvida os produtos de planejamento e reflexão, o resultado final pode ser um imenso labirinto desordenado. (TUAN, 2005, pg. 233-234).

Ao conseguir identificar com tanta clarividência os perigos gerados pela cidade, nota-se que, para Tuan (2005) a identificação dos sentimentos das pessoas com os seus lugares podem ter um efeito negativo ou positivo, depende das relações de proximidade ou de afastamento que as pessoas constroem com, por exemplo, o Centro de Porto Alegre.

Outra grande autora, a geógrafa inglesa Doreen Massey, aborda em sua obra, a questão dos diferentes lugares e de como estes formam o espaço, ou seja, da construção coletiva das identidades espaciais a partir dos sujeitos, das pessoas simples que formam a base de qualquer sociedade, não importando qual o quadrante delas no mundo.

A isso chama a autora de “eventualidade dos lugares”, o que para ela significa que:

Isto é a eventualidade do lugar, em parte no simples sentido de reunir o que previamente não estava relacionado, uma constelação de processos, em vez de uma coisa. Este é o lugar enquanto aberto e enquanto internamente múltiplo, não capturável como um recorte através do tempo no sentido de um corte espacial. (MASSEY, 2005, p. 203)

Ao compreender que cada lugar vai imprimir a sua marca nas pessoas que vivem, circulam, estudam nele, entende-se que Massey (2005, p. 201) está se referindo aos desafios inerentes a cada lugar, por si só representativos de múltiplas - e novas - realidades, lugares “onde as sucessões de encontros, as acumulações das tramas e encontros formam uma história”.

Ao se falar sobre os problemas que ocorrem nos centros das grandes cidades, é de grande relevância que seja dada visibilidade a muitos dos sujeitos que antes eram considerados invisíveis pela sociedade. Exemplo disso é o que nos mostra Martinez (2013, pg. 99) quando “no caso de Porto Alegre, a realidade de crianças e adolescentes que se encontram em situação de rua ,

principalmente nas áreas centrais, era um desses casos de exclusão”.

O que venho proponho neste trabalho, portanto, é que os estudos de educação em Geografia atentem-se às novas centralidades, conceito já trabalhado em autores como Martinez (2013) e Dias (2013).

As novas centralidades, ou simplesmente, o estudo dos lugares centrais no Século XXI na Geografia, é um conceito pouco trabalhado até o presente momento na produção intelectual do ensino de Geografia. Entre os autores a trabalhar com esta abordagem, destacam-se Martinez (2013) e Dias (2013), os quais relacionam a contento as suas experiências em sala de aula com o *locus* urbano e a questão do centro da cidade dentro deste processo.

Assim sendo Martinez, ao abordar a importância do lugar, da escola Porto Alegre (EPA), localizada no centro da cidade, destaca que:

O fato era que para se levar os jovens à escola era necessário levar a rua também. Isso não significa que o espaço da escola deva ser uma reprodução do espaço da rua, mas que as culturas dos dois espaços precisavam estabelecer diálogos para que os sujeitos pudessem acolher e ser acolhidos em uma nova dinâmica de socialização com o espaço. (MARTINEZ, 2013, p. 101)

O referido autor, professor de Geografia na rede pública municipal de Porto Alegre, mostra assim notável conhecimento à cerca daqueles com quem está trabalhando em suas aulas (moradores de rua, catadores de papel, menores abandonados ou fugidos de casa) e do forte significado que o centro da capital gaúcha adquire para os alunos. Fica claro o quanto é importante estar próximo da escola, se deslocando a pé. Esta realidade quebra a tradição das escolas municipais de Porto Alegre, que em sua maioria estão localizadas nos bairros periféricos da cidade.

Utilizando uma abordagem um pouco diferente, mas contendo a similaridade de trabalhar com a percepção dos alunos do Centro de Porto Alegre, Dias (2013) aponta que é necessário:

[...]conhecer a realidade presente nestas cidades só acontece quando nos pensamos. Somente posso pensar uma cidade melhor a partir do momento que sei o que quero para mim e para meus pares. A cidade será mais democrática se eu me construir enquanto um indivíduo democrático. Somente buscarei mais inclusão social se concordo com ela [...]reestruturar o espaço e a nós mesmos. [DIAS, 2013, p. 115]

Vê-se que, para Dias, estimular a reflexão dos alunos sobre o Centro da cidade, o lugar onde eles estudam, vivem e/ou trabalham é de primaz relevância para que o ensino de Geografia

adquira um significado real para ele, docente, tanto quanto para os seus alunos, os discentes.

É preciso que se pense o centro da cidade como o lugar do qual fazemos parte, não apenas como mais um dos locais pelo qual transitamos diariamente, ou, como, no entender de Dias (2013, p. 115) “o olhar para o centro da cidade possibilita-nos entrar por muitas ruas, depararmos com muitos cruzamentos, nossos e da cidade, nos identificarmos com diferentes paisagens”.

Estes conceitos serão, portanto, a base para a minha análise do novo olhar sobre as centralidades no ensino de Geografia nos níveis Fundamental e Médio do Colégio Paula Soares, o que será abordado no capítulo a seguir.

CAPÍTULO II : AS PRÁTICAS EM SALA DE AULA

Ao deparar-me com uma escola localizada no coração da nossa capital, o Colégio Paula Soares, fui desafiado nos dois estágios em que lá trabalhei a tentar explorar o conceito de novas centralidades durante algumas das minhas aulas. Falar e fazer com que os meus alunos tivessem noção da importância desta escola e deste lugar não foi uma tarefa fácil.

Nos Apêndices 1 e 2 explico algumas práticas de ensino, as quais foram realizadas ao longo do primeiro e do segundo estágios obrigatórios, nas Turmas 82 e 110 do Paula Soares. Ressalto que, nas duas turmas, as aulas de Geografia aconteceram em dois períodos, sem intervalos ou separações com outras matérias.

Trago a frase de Paulo Freire (2014, p. 58), segundo o qual “educar é como viver, exige a consciência do inacabado, porque a história que me faço com os outros [...] é um tempo de possibilidades, e não de determinismos”. Esta é uma das melhores formas de se incentivar a busca da autonomia dos alunos, ao se falar da vida deles, do espaço cotidiano, que tudo isto também pode entrar no currículo.

É o mesmo autor, em outra importante obra (Freire, 2014B), que faz o alerta sobre o cuidado que deve ser tomado com os discursos vazios ou sem sentido que muitas vezes tomam conta da sala de aula:

Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão do mundo, ou tentar impô-la a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e a nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui. A ação educativa e política não pode prescindir do conhecimento crítico dessa situação, sob pena de se fazer bancária ou de pregar no deserto (FREIRE, 2014, p. 120) .

Para conseguir trabalhar em algumas das aulas com o cotidiano dos meus alunos, tive que dar exemplos reais, concretos, a partir da realidade destes educandos. Ressalto que, no ensino fundamental, o qual ocorria durante o turno da manhã fiz, entre outras, uma atividade de análise de fotos (Apêndice I).

Para a elaboração desta atividade, baseei-me no que elenca Kaercher (1998), o qual ressalta a importância de se trabalhar com os lugares e com o espaço na Geografia, sobretudo na Geografia Escolar:

Lugares não são apenas espaços físicos, mensuráveis. Nada acontece fora do espaço E estes carregam uma carga psicológica e simbólica intrínsecas. Relacionar estes espaços com os seres humanos que ali habitam para entender a sociedade e este espaço, esta parece ser uma das contribuições da Geografia. (KAERCHER, 1998, p. 17).

Portanto, trazer imagens ou quadros para a sala de aula, saindo da rigidez do livro didático, pode (e deve) ser uma atividade a ser aplicada nas aulas de Geografia e foi o que fiz na Turma 82. Numa das fotos da atividade (Foto 9), havia a presença de indígenas vendendo artesanato no Parque da Redenção, num final de semana.

Ao receberem os exercícios, poucos dos grupos assinalaram e/ou comentaram esta foto, atendo-se mais às fotos de grupos tradicionais (imigrantes italianos, alemães), mas o que ficou de saldo positivo foi que mostrar a Redenção e a presença indígena neste espaço tão próximo da maioria deles marcou (assinalou, ensinou) uma boa parte da turma .

Ao prosseguir no relato desta atividade, notei o quanto os alunos sentem a ausência das “cores”, do trabalho lúdico nas aulas de Geografia. O que, para Kaercher (1998) trata-se de:

[...] seja de que disciplina for, conseguir fazer os seus alunos verem cores (sejam elas de Almodovar ou suas) que nunca tinham visto, prestarem atenção em coisas até então imperceptíveis, então estaremos estimulando-os a lerem o mundo com outros olhos. (KAERCHER, 1998, P. 16)

Antes de trabalhar com o conteúdo de migrações na oitava série, ao identificar as cores e sair do cotidiano representado pelo ensino tradicional, tive dificuldades no que eu tentava explicar e não me fazia entender pelos alunos. Ao trazer imagens, livros e outros elementos de fora da escola, enriqueci bastante as minhas aulas.

Para que me fizesse mais claro, fiz uma longa pesquisa na internet e escolhi 16 imagens/quadros do Apêndice 1. Distribui este material para os alunos e procurei ver a reação deles diante das imagens e como o conteúdo multicolorido mexeu com os meus alunos motivou-me bastante e deixei marcas positivas nesta etapa do meu estágio.

Ao chegar na segunda etapa, mais uma na minha prática docente apresento nos meus relatos de observação, transcritos a seguir, o que fica evidenciado são as minhas expectativas sobre o que eu pensava ser desafiador. Ao começar as aulas na Turma 110 do Colégio Estadual

Paula Soares me provocaram sentimentos de desafios e de angústias para as quais estava preparado para (re)viver, agora num outro turno escolar, à noite, e com um outro nível de ensino (o médio).

“Ao ver quais eram as expectativas/possibilidades, já as relaciono ao começo das práticas escolares estabelecidas na turma e as eventuais conflitualidades com fatores *ad hoc* do período do estágio, principalmente no segundo período, o qual se estende das 21 horas e meia até às 22h e 55 min.

Sem dúvida, estou motivado para começar minhas aulas na Turma 110 e irei me preparar muito para dar as aulas de Geografia da melhor forma possível, apesar do horário e da concorrência com o futebol das quartas de noite. Tudo passa por primeiro conhecer que alunos são esses que vou trabalhar e por me apresentar a eles, mostrando que quero fazer um bom trabalho na turma.

Sobre o desafio de dar aula: Pensar em estratégias para estimular os alunos a conversarem sobre a matéria e prestarem atenção no que eu estive falando me pareceu ser uma saída...aproveitar que é de noite para montar alguns slides de Revisão, explorando imagens, principalmente, e trabalhar de forma mais leve os conteúdos de Geografia do Primeiro Ano; passar um filme que encaixe nos conteúdos também pode ser outra saída.

Outro detalhe: ao passar ou entregar um texto, seja do livro didático ou de um material criado por mim, pedir para que os alunos também leiam, em voz alta, ajudaria a aula a sair da mesmice e a tornaria mais dinâmica, desde que eu, é claro, parasse a leitura e fosse explicando as partes mais obscuras do texto: siglas, palavras e expressões desconhecidas, exemplos reais do que se estivesse sendo tratado”.

Preparei minhas aulas trazendo a realidade do entorno e do que se passava no país, sempre relacionando com o conteúdo programado. No entanto, fiquei surpreso ao ouvir que um dos primeiros conteúdos que eu havia trabalhado “só falava sobre a seca de São Paulo”. Tive que repensar em grande parte as aulas que estava planejando/dando, ou seja, procurar mostrar o lugar desses alunos, a partir de um outro conteúdo parecia ser um (novo) caminho a seguir.

Nesta turma, dei uma aula sobre Mapas e Sentido de Orientação, como revisão de conteúdo, conforme registrado no Apêndice 2, com a capa e a transparência na qual foi mostrado

o mapa de Porto Alegre num outro ângulo. Para elucidar ainda mais este mapa, tive a ajuda do “Atlas Ambiental de Porto Alegre” (MENEGAT, 1998), o qual foi um material de auxílio muito eficaz.

O fato de que, nesta tomada de ângulo, a cidade de Porto Alegre pode ser vista no sentido contrário (sentido Norte-Sul), ao qual estamos acostumados foi deveras incentivador para desconstruir as noções do espaço citadino que meus alunos possuíam.

Trabalhei nesta aula com a localização dos alunos, principalmente com a noção de sua localização espacial, no que tange o Centro de Porto Alegre. As respostas variaram, alguns disseram que o Centro estava em cima dos morros, outros que ficava perto da zona sul, outros ainda deram respostas como se estivessem na margem oeste de Guaíba, nos municípios de Guaíba e de Eldorado do Sul e não especificamente em Porto Alegre

(Re) Construí, portanto, com estes as relações de aproximação e de localização do Centro de Porto Alegre e da cidade como um todo. Falei sobre o Arroio Dilúvio, o Lago Guaíba e o Parque Estadual do Delta do Jacuí, temas relacionados ao conteúdo anterior, que motivou a crítica do meu aluno durante uma das primeiras aulas: a hidrografia. Me vali desta atividade, levando em conta que Castrogiovani (2010) diz que:

[...] aprendendo a pensar o espaço, a partir do lugar, poderemos descobrir o mundo, tendo a possibilidade de construir com os alunos um método de análise espacial que favoreça a construção da cidadania. [CASTROGIOVANI, 2010, p. 132].

Até chegar a este ponto, estava eu no meio para o fim das aulas do Estágio no ensino médio. Foi então que me dei conta que, para se chegar na categoria do Centro, é necessário que se trabalhe primeiramente em sala de aula com a categoria de Lugar. Este caminho não foi dos mais fáceis.

Constatei isto tomando como pressuposto que Centro é uma *diferenciação espacial*, que para chegar a falar do Centro de Porto Alegre tinha que falar, primeiro, do *lugar*, este sim uma categoria espacial, ou seja, uma figura elementar do espaço. Nesta trajetória valho-me do que Castellar (2010) define como:

Ao propor um problema ou análise de um conceito, a explicação deve ser obtida não apenas com a unidade da natureza ou a utilidade do fenômeno, mas saindo da contemplação superficial, ou seja, superando a unidade e a utilidade dele, compreendendo-o e organizando uma rede de conceitos. (CASTELLAR, 2010, p. 101).

Dentro da rede de conceitos proposta por Castellar (2010), nota-se que a categoria espacial *lugar* é muito mais abrangente do que a categoria centro, esta última servindo como uma diferenciação espacial dos lugares, estando, portanto, subordinada a estes.

Conforme o segundo e último estágio na escola foi tendo continuidade, notei que precisava de mais elementos para identificar quem são os alunos do Colégio Paula Soares, pois dei aula em apenas duas turmas da escola. A partir desta constatação, apliquei um Questionário nas três turmas de Ensino Médio Noturno da escola, o que relato no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III : QUEM SÃO OS ALUNOS DO PAULA SOARES?

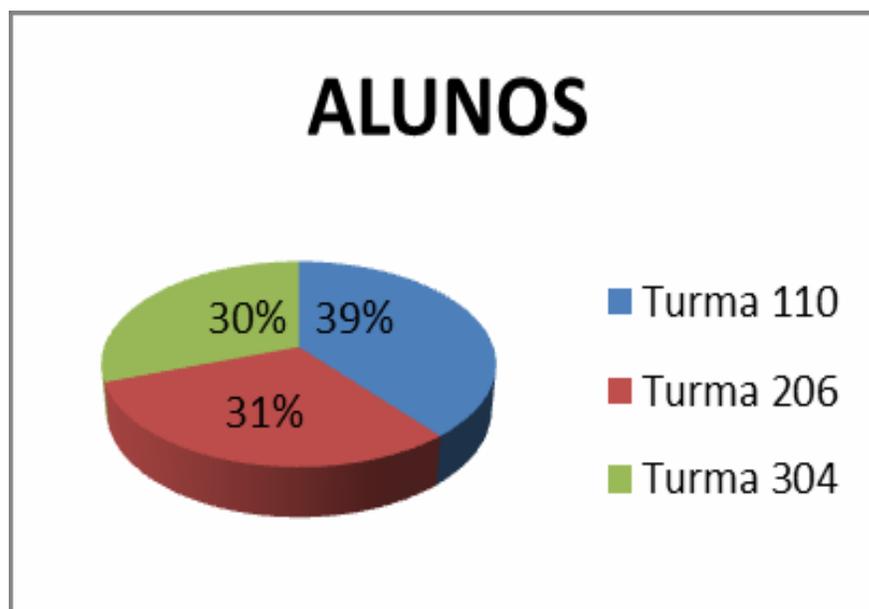
Tendo em conta que um dos meus objetivos era perceber qual a noção que os alunos tem do Centro de Porto Alegre e qual sua relação com os bairros que o compõem, enfim, das novas centralidades, escolhi aplicar as entrevistas com bastante critério, selecionando apenas os alunos do Ensino Médio, do período noturno da escola.

Fiz esta escolha baseado em dois critérios: o primeiro de que eu estou familiarizado com este turno do colégio, já tendo conseguido identificar algumas características do perfil de aluno que busca estudar durante a noite (entre 15 e 18 anos, com estágio remunerado durante o período diuturno, moradores ou não do bairro Centro).

O segundo critério baseia-se na melhor facilidade para a análise posterior e na uniformidade da amostra: com um número reduzido de questionários, os dados podem ser melhor trabalhados e as respostas fora do padrão, mais rapidamente percebidas.

Trabalhei com um total de 46 questionários respondidos. A turma com o maior número de questionários aplicados foi a 110 (turma em que eu dei o meu estágio) com 18 respostas, a seguir, empatadas com 14 respostas estão as turmas 206 e 304.

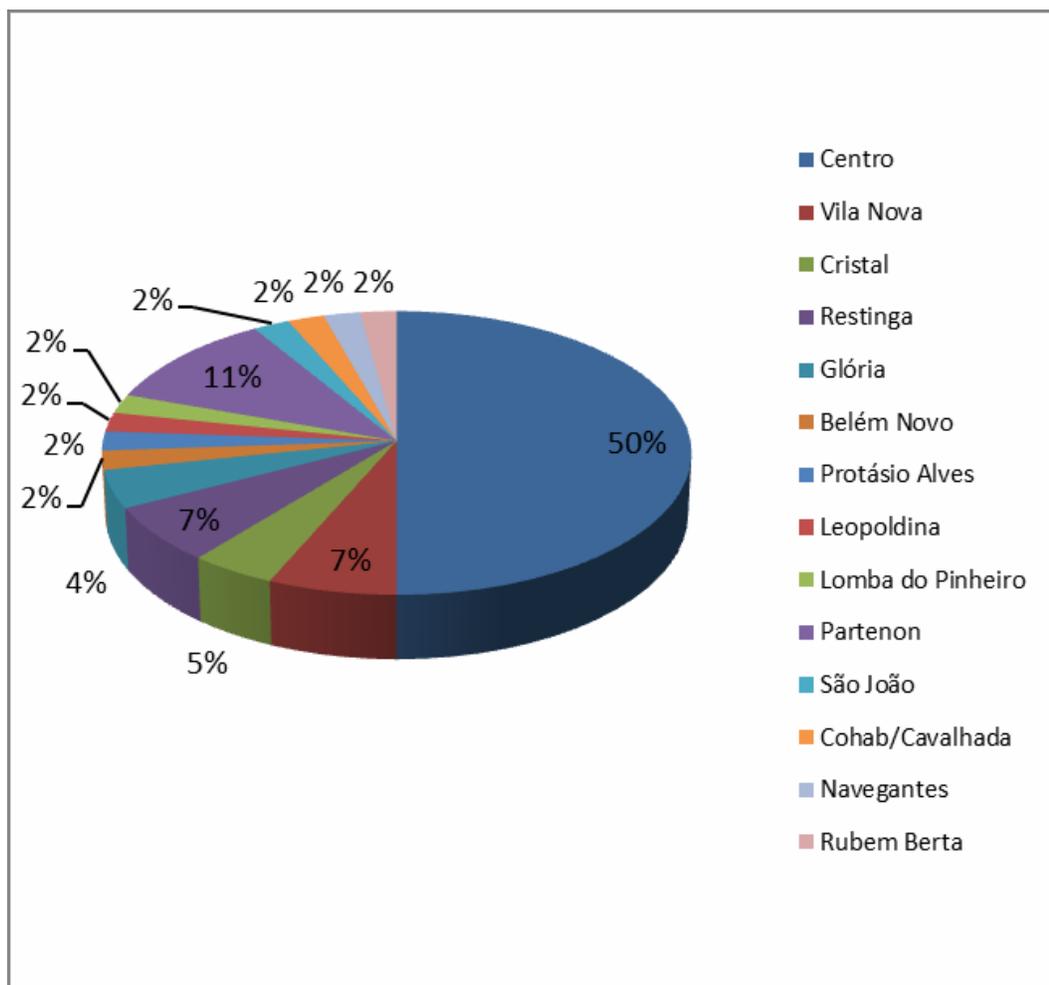
Gráfico 1- Distribuição, por turmas, da amostra da pesquisa:



Fonte: elaborado pelo autor.

Sobre a distribuição espacial, por bairros, dos estudantes o que predominou foi a opção pelo bairro Centro da cidade, conforme o que se observa no Gráfico 2, tanto na turma em que estagiei, quanto no total geral:

Gráfico 2-: Distribuição dos alunos, por bairros, em Porto Alegre.



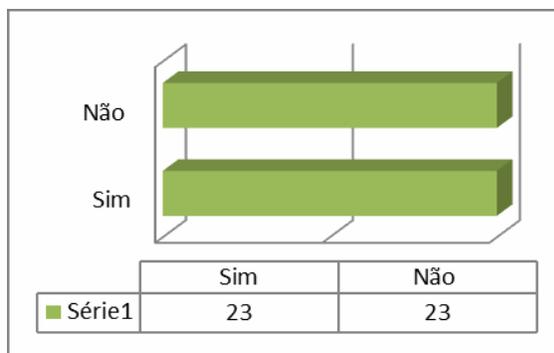
Fonte: elaborado pelo autor.

Destaca-se que, dos 46 alunos pesquisados, 23 deles (50% do total) afirmaram que residem no Centro da Cidade. Houve ainda alunos de outros 13 bairros de Porto Alegre que responderam, sendo que os Bairros Restinga, Partenon e Leopoldina ocuparam a segunda e terceira colocações.

A pergunta 1 indagava se os alunos moravam no Centro de Porto Alegre. O resultado corrobora o gráfico anterior, ou seja, metade das respostas foi positiva e metade foi negativa,

conforme o Gráfico 3.

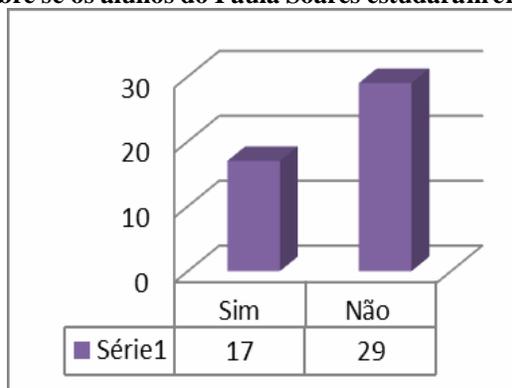
Gráfico 3-: Alunos residentes no centro da cidade e alunos não-residentes



Fonte: elaborado pelo autor.

Na segunda pergunta aplicada, notou-se que mais da metade (29 alunos) responderam que não estudaram em outro turno do Colégio Paula Soares, ou seja, sempre estudaram no período noturno da escola ou vieram de outras escolas da cidade, seja da rede estadual ou da rede municipal de educação, conforme o Gráfico 4.

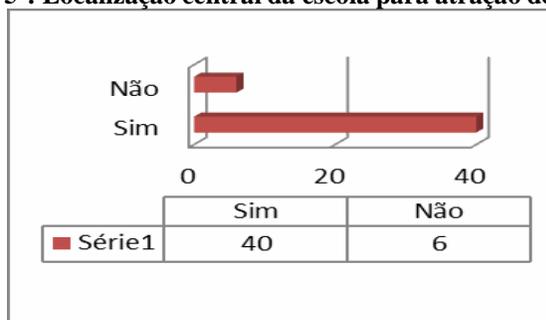
Gráfico 4-: Pergunta sobre se os alunos do Paula Soares estudaram em outros turnos na escola.



Fonte: elaborado pelo autor.

Na terceira pergunta, os alunos foram questionados se a posição central do Colégio Paula Soares foi determinante para que viessem estudar na instituição de ensino. Viu-se que uma ampla maioria, 87% dos alunos, vieram estudar no Paula Soares, sobretudo, por este motivo, de acordo com o Gráfico 5.

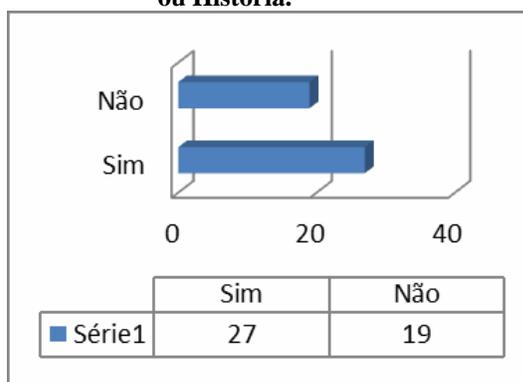
Gráfico 5-: Localização central da escola para atração dos alunos.



Fonte: elaborado pelo autor.

Questionados sobre se seria importante estudar o Centro de Porto Alegre nas aulas de Geografia ou História, observou-se que pouco mais da metade dos alunos acredita que o Centro de Porto Alegre deva ser estudado durante as aulas destas matérias, conforme consta no Gráfico 6.

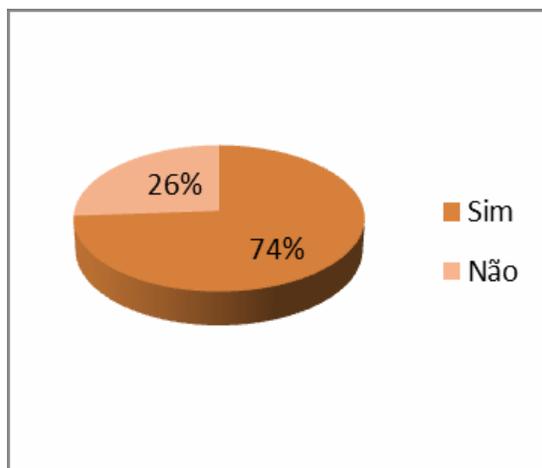
Gráfico 6-: Percepção da importância de se trabalhar com o Centro da Cidade nas aulas de Geografia ou História.



Fonte: elaborado pelo autor.

Na pergunta 7, a última do Questionário com respostas diretas, verificou-se a disponibilidade dos alunos para alguma saída de campo no Centro de Porto Alegre. As respostas, em sua maioria, foram positivas, ou seja, os alunos do Paula Soares, apesar de estudarem durante a noite, se dispõem a participar de uma saída de campo pelo Centro caso fosse programado, o que pode ser visto no Gráfico 7.

Gráfico 7-:Disponibilidade dos alunos para a proposta de uma saída de campo no Centro.



Fonte: elaborado pelo autor.

Nas demais questões do Questionário (4, 5 e 6), as respostas foram obtidas por escrito nas três turmas. Nestas, apliquei a abordagem conhecida por análise do discurso, que Silva (2009) define como:

[...] um instrumental teórico-metodológico que permite à Geografia trabalhar sistematicamente as materialidades linguageiras que absorvem questões de interesse a essa ciência [...]Possibilita método e enfoque teórico para abordar sistematicamente o **sujeito** , pesquisando analiticamente as questões ideológicas e a produção de sentidos em suas diversas instâncias. [SILVA, 2009, p. 117].

Corroborando minha escolha, a autora mais adiante aborda que “neste propósito, atende à necessidade das diversas áreas da Geografia, incluindo o ensino de Geografia” (Silva, 2009, p. 117). Para que se perceba a importância desta abordagem, analisar-se-á seguir as respostas dos alunos.

Na Questão 5, em que foi pedido aos estudantes relatarem sobre as experiências com o Centro, a diversidade de respostas foi grande, apesar de uma pequena parte escrever que não se lembrava de nada relativo ao Centro da Cidade. Outros relatos foram marcantes, tais como os de um aluno que pixava o bairro aos 15 anos de idade. Alguns relatos foram sobre a violência cotidiana no bairro, outros lembraram de terem vindo aos jogos do Grêmio no Olímpico e terem passado pelo Centro.

Ainda sobre as respostas da Questão 5, vários dos depoimentos escritos foram sobre alunos que, desde pequenos, vinham dos bairros mais distantes da cidade para o Centro com os

seus familiares. Um destes é...

Quando pequena eu só comia pão de queijo do centro, então minha vó e eu vínhamos muito pra cá só pra isso. Tem uma mais antiga ainda, quando eu e minha vó ficamos presas nos pedalinhos da Redenção. Mas essa é ruim [Resposta de Aluna, Questão 5].

Na Questão 6, a qual perguntava sobre quais espaços do Centro da Cidade fazem os alunos lembrar das presenças negra ou indígena, um terço das respostas foram nulas ou ficaram em branco, o que pode ser uma evidência do desconhecimento e a invisibilidade destes grupos sociais, ainda presente na sociedade.

Os lugares mais lembrados pelos alunos foram a Rua dos Andradas, a Praça da Alfândega e o Mercado Público de Porto Alegre. Seguem dois relatos de alunos: o Aluno 1 fala que as presenças indígenas é vista sobretudo “nas praças, principalmente a Matriz, onde há protestos indígenas e/ou a Esquina Democrática”.

O Aluno 2 lembra que “A praça Brigadeiro Sampaio, tem um tambor referente à Consciência Negra”. Para alguns alunos, é visível e importante a presença desses grupos e são estes alunos os que residem no Centro da cidade.

Sobre a Questão 8, a última do Questionário, os alunos deviam marcar numa escala de 1 a 4 (1 sendo *concordo* e 4 sendo *não concordo*) com diferentes afirmações a cerca do Centro da cidade. As afirmações a), b) e e) evidenciavam elementos positivos deste lugar, enquanto as afirmativas c) e d) eram de elementos negativos.

Na grande maioria das respostas, o que observei foi que as afirmativas de caráter positivo foram marcadas com as alternativas *concordo* e *concordo parcialmente*, ao passo que as afirmativas de caráter negativo tiveram como resposta as opções *indiferente* e *não concordo*.

Portanto, concluo que as três turmas apresentaram um mesmo padrão em suas respostas da Questão 8, o que é importante no sentido de se evidenciar a relação positiva, de topofilia, deste grupo de alunos com o Centro de Porto Alegre, além de não concordarem, em sua maioria, com as afirmativas que evidenciavam os elementos mais negativos (topofóbicos) deste lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui mostrada foi fruto de um ano de trabalho de prática docente no Ensino de Geografia no Colégio Estadual Paula Soares. Ter trabalhado nesta escola me fez repensar a minha prática docente. Se antes de começar a fazer o Estágio Obrigatório eu tinha uma visão mais simplista sobre o que era a Geografia, vejo no momento atual o quanto esta matéria pode ser plural, desde que não deixe de trabalhar com o cotidiano dos alunos, com o espaço que os pertence e os rodeia.

Numa segunda parte deste trabalho, tentei esclarecer o que são as *novas centralidades*. Um conceito novo dentro da Geografia, que vem sendo aplicado por alguns professores, como foi anteriormente relatado. Recorri a autores conhecidos e reconhecidos dentro da Geografia, em busca de esclarecer para o leitor o que quer dizer esse conceito.

Sobre as práticas pedagógicas de ensino, trouxe dois exemplos (Apêndices 1 e 2) para evidenciar que fui um professor que praticou práticas alternativas de ensino, resgatei importantes autores que tratam da pedagogia e das práticas de ensino em Geografia. Escolhi apenas autores brasileiros nesta parte, pois acredito que nosso país também produz ciência, e que temos que reverenciar (e por que não referenciar?) os nossos grandes nomes da educação.

Ressalto que nunca deixei de levar para as duas turmas em que trabalhei o mapa e o pincel para escrever no quadro. Algumas vezes me vali do livro didático para conduzir as aulas. Acredito que nem sempre se pode ser um professor crítico e que, às vezes, é preciso que seja aplicado o ensino tradicional, com o uso do quadro e do livro didático.

A terceira parte, do Questionário, que está no Apêndice 3, contém apenas uma folha, com duas páginas impressas em frente e verso, o que facilitou o manuseio dos alunos que responderam. O tempo de resposta variou entre 10 a 20 minutos e poucas perguntas foram feitas para o aplicador (eu) durante a aplicação dos mesmos nas Turmas 110, 206 e 304 do Colégio Estadual Paula Soares.

Todos os 46 Questionários aplicados foram respondidos e foi com grande surpresa que percebi que, apenas no turno da noite, estudam alunos de 14 diferentes bairros de Porto Alegre. Ainda que metade dos alunos more no Centro, tamanha é a diversidade de bairros em que

residem os outros 23 alunos.

Em sua maioria, os estudantes marcaram e escreveram sobre temas positivos sobre o Centro da Cidade, desde as suas primeiras lembranças sobre este lugar até sobre se consideram positivo ou não viver/transitar/morar no Centro.

Ter conhecido com mais profundidade os alunos do Ensino Médio Noturno da escola me deixou satisfeito quanto ao meu trabalho, pois observei que a maioria está disposta a fazer saídas de campo pelo Centro da capital, além do que a maior parte dos alunos tem sentimentos positivos com este lugar da cidade, que para muitos deles é o seu lugar, o lugar a que pertencem e com o qual se identificam.

REFERÊNCIAS:

ANDRADE, G. Blog de ensino de física do Instituto de Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://www.if.ufrgs.br/tex/edu02220/sem012/po2/texto282.html>> Acesso em 18, novembro, 2014.

CASTELLAR, S. **O significado da construção de conceitos.** In Ensino de Geografia. CASTELLAR, S., VILHENA, J. – São Paulo: Cengage Learning, 2010.

CASTROGIOVANI, A. C. **Ensino de Geografia. Práticas e textualizações no cotidiano.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

DIAS, F. F. **Alunos e professores no centro de Porto Alegre: o movimento de aproximação da cidade e de lugarização intermediados pela escola.** In Movimentos no ensinar geografia. CASTROGIOVANI, A. C., TONINI, I. M., KAERCHER, N. A. (Org.) Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar-Cultura, 2013.

Escolar, Censo. **Matrículas do Colégio Estadual Paula Soares.** Disponível em: <<http://www.qedu.org.br/escola/234543-colegio-estadual-paula-soares/censo-escolar?year=2013&dependence=0&localization=0&item=>>>. Acesso em 21, novembro, 2014>.

Foto do Colégio Estadual Paula Soares. **Fachada do Colégio Paula Soares.** Disponível em: [//pt.wikipedia.org/wiki/Col%C3%A9gio_Estadual_Paula_Soares#mediaviewer/File:Colegio_Estadual_Paula_Soares_Fachada.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Col%C3%A9gio_Estadual_Paula_Soares#mediaviewer/File:Colegio_Estadual_Paula_Soares_Fachada.jpg). Acesso em 21, novembro, 2014.

FREIRE. P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 48ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia do Oprimido.** 57ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

MAPS, Google. **Mapa do Colégio Estadual Paula Soares.** Disponível em: [//plus.google.com/100146812318942406313/about?hl=pt-BR&gl=br](http://plus.google.com/100146812318942406313/about?hl=pt-BR&gl=br). Acesso em: novembro, 2014.

MARTINEZ, C. A. F. **Curricularizando os espaços entre a escola e a cidade.** In Movimentos no ensinar geografia. CASTROGIOVANI, A. C., TONINI, I. M., KAERCHER, N. A. (Org.) Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar-Cultura, 2013.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

MENEGAT R., PORTOM. L., CARRAOC. C. (Org.), **Atlas Ambiental de Porto Alegre,** 1ª ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

KAERCHER, N. A. **Ler e escrever a geografia para dizer a sua palavra e construir o seu espaço.** *In* Ensinar e Aprender Geografia. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre, 1998.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço Tempo: globalização e meio técnico-científico internacional.** , 2ª ed., São Paulo: Editora HUCITEC, 1996.

SILVA, J. M. **Análise do discurso e pesquisa qualitativa na Geografia.** *In* Geografia e Pesquisa Qualitativa: nas trilhas da investigação. RAMIRES, C. de L e Pessôa, V. L. S. (Org.). Uberlândia: Assis, 2009.

TUAN, Y. F. **Paisagens do Medo.** São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____ **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.**
Londrina: EDUEL, 2012.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Atividade de leitura e interpretação de imagens, conteúdo migrações, realizada na Turma 82 do Colégio Paula Soares.



5



6



7



8



9



10



11



12



13



14



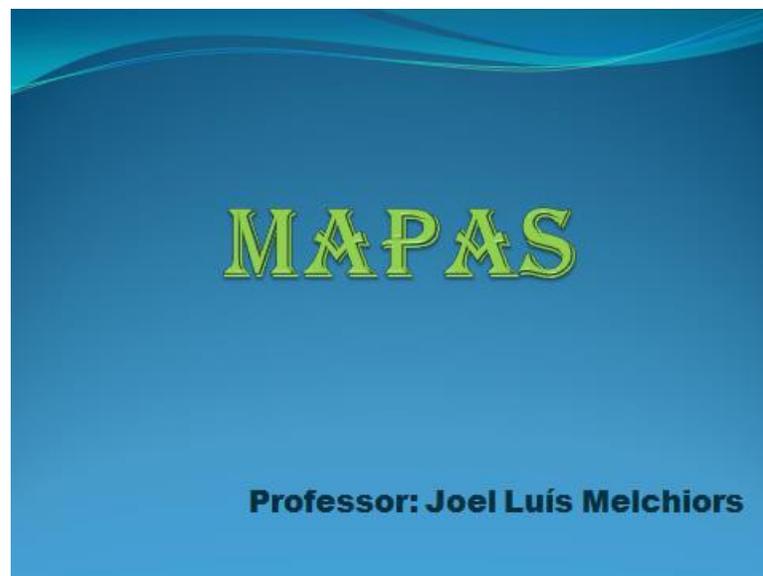
15

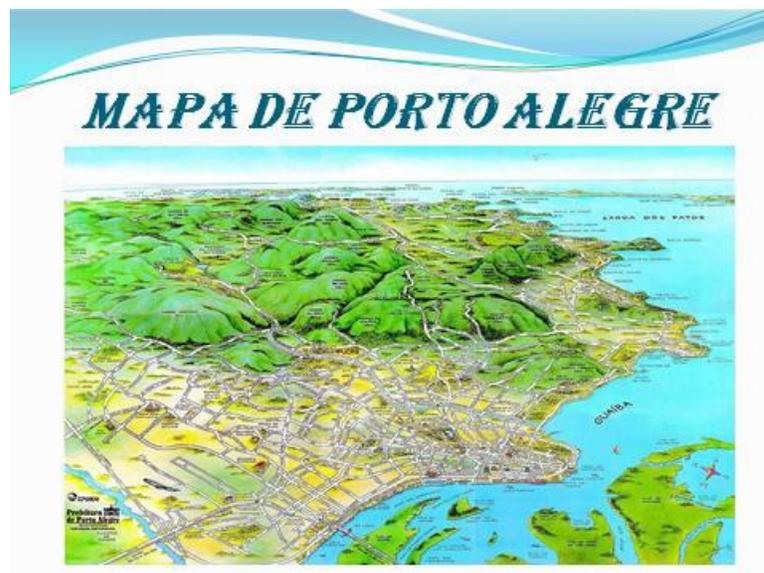


16



Apêndice 2 - .Material multimídia sobre Mapas, aplicado na Turma 110 no Estágio do Ensino Médio.





Apêndice 3. Questionário aplicado pelo autor da pesquisa nas turmas do Ensino Médio Noturno do Colégio Estadual Paula Soares.

QUESTIONÁRIO PARA A PESQUISA “AS NOVAS CENTRALIDADES, A ESCOLA E OS ALUNOS DO COLÉGIO PAULA SOARES”, de Joel Luís Melchiors.

NOME: _____ **TURMA:** _____.

IDADE: _____. **BAIRRO:** _____.

1. Você mora no centro de Porto Alegre?

Sim.

Não.

2. Atualmente você estuda no período noturno. Você já estudou em outro período do dia no Paula Soares?

Sim.

Não.

Outra **resposta.**

Qual? _____

3. O fato de o Colégio Paula Soares estar localizado no centro da cidade foi determinante para você vir estudar aqui?

Sim.

Não.

Outra **resposta.**

Qual? _____

4. Para você há alguma importância em estudar o centro de Porto Alegre nas aulas de Geografia ou História? Por quê?

Sim.

Não.

Justifique.

Qual? _____

5. Relate a sua experiência mais antiga no Centro da cidade de Porto Alegre...quantos anos você tinha?

6. Que espaços do Centro de Porto Alegre nos fazem lembrar a presença negra ou indígena?

Qual? _____

7. Caso fosse proposta uma micro saída de campo pelo centro de Porto Alegre (visitação de lugares da região central, por exemplo), você aceitaria participar?

Sim.

Não.

Outra **resposta.**

Qual? _____

